

O RIO-VERSO REVOLTO EM MÁRIO DE ANDRADE E MARCOS SISCAR

Laila Souza de Paula

(Graduanda em Letras - UFF)

RESUMO O presente texto articula noções de movimento, subjetividade e crise através da imagem do rio em uma análise centrada no poema “A meditação sobre o Tietê”, do livro *Lira Paulistana*, de Mário de Andrade (1945) e nos poemas [Dentro do peito dos filhos do rio] e [O que é o rio o rio é uma ponte] de “Rio Verdadeiro”, do livro *Metade da Arte*, de Marcos Siscar (2003). A partir da análise dos movimentos atribuídos ao rio, tentaremos discutir de que modo com eles, o retorno, o extravio e a instabilidade podem ser associados aos conceitos de crise e revolta poética, importantes na cena literária moderna e contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE poesia brasileira modernista e contemporânea, crise, revolta.

Reserva-se atenção introdutória ao poema do século XX e sua retomada pelo autor contemporâneo em questão, pois ele antecipa pontos relevantes da análise. O poema, concluído dias antes da morte de Mário de Andrade, é descrito pelo próprio em carta a Carlos Drummond de Andrade como "difícil de ler, longo demais, duro nos ritmos, cadencial, bárdico, uma espécie de 'Meditação sobre o Tietê'". Mário prossegue dizendo que “[o poema] é o que dá alento, que o resto, trabalho [...] tudo me dá desalento. Só o poema me salva e acredito nele, amo ele, umedece os olhos" (ANDRADE apud COSTA, 2000, p. 48). Ângela Maria da Costa (2000, p. 48) explica que

Mário escreve o poema, como um "testamento", em um momento particularmente difícil de sua vida. Problemas de saúde juntam-se a decepções pessoais, culturais e políticas, a intuições angustiantes sobre a morte. Todos estes conflitos que afloram no momento crepuscular da vida do poeta direta ou indiretamente atravessam o poema, surgindo como um verdadeiro ajuste de contas consigo mesmo e com a vida cultural do país. (COSTA, 2000, p. 48)

Tais frustrações se relacionam ao desgaste vivenciado por Mário quanto aos ideais do contexto modernista, tanto no eixo político quanto poético, no que se refere à defesa da inovação e da experimentação artística. Antonio Candido mostra a relação entre a temática e a forma dos versos de “A meditação sobre o Tietê” quando diz que

Levados pela água barrenta do rio tutelar, vão passando os temas e as constantes da sua poesia: os “sinais”, as velhas angústias, misturadas às angústias novas; uma nova serenidade, recapitulando a serenidade de antanho. Os símbolos do catimbó, as imagens amazônicas, os amores estilizados, as meditações prediletas — Mestre Carlos, o Boi

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Paciência, o Irmão Pequeno, Maria, o esforço de compor a vida, — tudo desliza na “Meditação” tornando-a um dos pilares da sua obra poética. (CANDIDO, 1959, p. 87 - 88)

Essa reflexão a respeito do contexto de escrita e do peso poético pode ser associada à angústia e tensão excessivas que mobilizam o fluxo dos versos, em que pela inconstância e agitação, como nas águas do rio, são abaladas hierarquias espaciais e temporais que afetam também a encenação da subjetividade.

Apesar de voltado para um dos poetas, o apontamento é relevante para os diferentes textos aqui tratados. Logo nos versos iniciais do poema marioandradino, o Tietê aparece, dentre outros modos, relacionado ao direcionamento singular de suas águas, referencial geográfico que perpassa o poético: “Meu rio, meu Tietê, onde me levas?/ Sarcástico rio que contradizes o curso das águas/ E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens [...] Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,/ Me induzindo com a tua insistência turrone paulista/ Para as tempestades humanas da vida”. (v. 35 - 38)

No poema de Siscar, esse direcionamento é similar: “carrega consigo planície adentro/ dando costas ao mar à brisa corrosiva do mar [...] único rio que se afasta do mar escapando/ da sua viragem se estende na planície.” A citação não se encerra na reversão do trajeto esperado pelas águas, pois também guarda o efeito de aproximação entre a imagem principal da análise e a cidade. Isso quer dizer que a geografia do rio, que por si só já é inesperada, desfaz a separação típica entre natural e urbano, ou natureza e cultura. Tais elementos tendem a ser opostos tradicionalmente. Esse rio que em [Dentro do peito dos filhos do rio] “escorre mata a dentro o dorso escuro/ [...]um retorno às árvores da planície movimento/contra a deriva contra o movimento” (v. 12 - 20) também estabelece um trajeto quase revoltado em relação ao ambiente. O rio que em Siscar escapa ao correr usual indo em direção à planície é relacionável ao movimento rumo à “terra dos homens”, como no verso de Mário.

No que diz respeito ao valor da crítica social, Guilherme Gontijo Flores (2018) também trata da revolta no e do poema a partir da construção dos seus versos. Flores concebe a revolta como uma força que “movimenta o presente

sem apresentar um caminho fechado e bem delimitado; nesse sentido, a revolta [...] seria capaz de abrir portas instáveis e criativas, porque flerta diretamente com a destruição de uma continuidade” (FLORES, 2018, p. 4). Revolta indica aqui, portanto, uma "reorganização aberta do espaço-tempo" no poema (Ibid., p. 17). Sob essa chave de leitura podemos entender o caráter criativo das voltas e retornos dos versos nos poemas, encenando também uma movimentação agitada das águas.

Nesse movimento de voltas e, de certa forma, retornos aliados à disposição espacial, observamos que os versos de abertura em Mário de Andrade localizam o eu poético tendo o rio, e também o arco da Ponte das Bandeiras, como referência: “É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável/ Da Ponte das Bandeiras o rio/ Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa”. No prosseguir dos versos, essa disposição muda. Posteriormente, o verso 280 traz “Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras”. Ao final do poema, a figura da Ponte das Bandeiras reaparece e o sujeito, estando agora sob ela, se funde ao rio e faz um jogo paronomásico com a sonoridade de “alga” e “água”, indicando que agora é mais um dos elementos que estão na corrente: “Sob o arco admirável/ Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca/ Uma lágrima apenas, uma lágrima/ Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê”.

A força desestabilizante entre os elementos do poema faz com que o rio não assuma apenas um lugar de objeto de contemplação. O abalo da agência do sujeito foi tratado na conceituação de Alexandre Nodari como obliquação, “um movimento complexo de desdobramento subjetivo e das posições enunciativas, cuja face mais visível se apresenta quando o sujeito, sem deixar completamente de sê-lo, ocupa também a posição de objeto.” (NODARI, 2019, p. 02).

Nota-se que essa subjetividade oblíqua performada ao mesmo tempo certa e incertamente n”A meditação sobre o Tietê” é diferente da apresentada em [Dentro do peito dos filhos do rio o rio], já que não há um sujeito nomeado no poema de Siscar. Neste existem fios entre sujeitos — ou não-sujeitos — e espaços sendo reorganizados. No poema de Siscar, os versos “Dentro do peito dos filhos do rio o rio/ é um vegetal que cresce invade vegeta” (v. 1 - 2) tratam de uma espécie de subjetividade coletivizada e impessoal. Cabe fazer uma

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

digressão sobre como, apesar de traços de subjetividade diferentes entre si, os poemas em questão trabalham com a associação do rio como um elemento que dá origem.

O poema do século XX traz no verso 50 a menção das águas de onde se nasceu, além de constantes interlocuções com o “Pai Tietê”. Apesar de não conter interlocuções, o que o poema de Siscar assinala como “uma volta um indo para dentro/ do peito de seus filhos”, configura uma espécie de “parentalidade”, uma genealogia entre o rio e essas figuras associadas. O que também desafia a concepção que dispõe o natural de maneira objetivada/submetida reconhecendo uma característica de ancestralidade ao rio.

Essa não é a única imagem natural aproveitada para alterar o sentido convencional. O poema de Mário, ao tratar de certas “formas que fogem” (v. 309), as aborda como “Indivisas, se atropelando, um tilintar de formas fugidias/Que mal se abrem, flor, se fecham, flor, flor, informes, inacessíveis, Na noite.” (v. 310-311), marcando a mudança, a disformidade e a instabilidade. No mesmo trecho, a associação com o “caminho de morte” rompe uma possível relação com a ideia terna que tende a acompanhar esse item imagético.

Apesar disso, essa figura ainda parece associada à vida, marcando a multiplicidade de facetas que assume no poema. Os versos 304 a 305, “Redivivo. Flor. Meu suspiro ferido se agarra/ Não quer sair, enche o peito de ardência artilosa, Abre o olhar, e o meu olhar procura, flor, um tilintar/ Nos ares, nas luzes longe, no peito das águas,/ No reflexo baixo das nuvens.” relacionam a imagem da flor à junção dos sentidos. O som do tilintar é misturado à visão das luzes que estão longe. Isso caracteriza uma parte sensorial que se expande, além do espaço, pela percepção das luzes que vêm de longe.

De maneira particular, essa tensão também está no poema contemporâneo em questão, como exemplificam os pescadores que “perfuram/a flor do rio/ com a força de seus remos” (SISCAR, 2003, p. 164). Uma espécie de brutalidade explícita é apresentada e quebra a expectativa quanto a uma ação esperada em relação à “flor do rio”. No segundo poema a imagem da flor também está próxima da ideia de uma nascente ou de “centro” do rio, ou seja, ainda há

uma notória dualidade ternura/violência por desorganizar uma associação quase instintiva à figura da flor na literatura e no imaginário.

Nas duas encenações da imagem do rio, outra presença importante é a da ponte. Já a vimos na abertura do poema de Mário — “Debaixo do arco admirável/ Da Ponte das Bandeiras o rio/ Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa”. Em outro poema sem título de Siscar, ela também serve de abertura: “O que é o rio o rio é uma ponte/ entre mundos distintos é uma estrada/ deitada sobre o abismo uma nascente (v. 1 - 3). Tais versos articulam três imagens associadas à relação, ao trânsito e ao movimento: a ponte, a estrada e o rio. A relação significativa entre elas escapa ao paradigma da margem como limite e fronteira. É pensando em transposição de limites que a ideia de margem é proveitosa. Raul Antelo (2002) associa a margem à imagem, no que opera um processo de unir o que se dá normalmente por noções divididas orientadas sob a "razão instrumental" (ANTELO, 2002, p. 78).

Com isso, podemos perceber que há uma expansão no campo dos sentidos associados ao movimento de retorno e revolta do rio. A noção de margem se realiza imagetivamente em vários momentos dos poemas. Essas fronteiras limitantes são abaladas e passam então a ser limiares de sentido, ou seja, tratam de zonas de contato.

O poema de Mário, nos versos “Quem pode compreender o escravo macho/ E multimilenar que escorre e sofre, e mandado escorre/ Entre injustiça e impiedade, estreitado/ Nas margens e nas areias das praias sequiosas? Elas bebem e bebem. Não se fartam, deixando com desespero/ Que o resto do galé aquoso ultrapasse esse dia,” (v. 223 - 225) apresentam as margens ligadas à embarcação (galé) e ao ultrapassamento. O não se fartar pode ser entendido como uma não-retenção. No caso do primeiro poema de “Rio Verdadeiro”, a menção ao “abismo sertão da própria vereda” no quinto verso já supõe um rompimento de margens literárias pelo contato do verso com o campo da prosa em uma relação ao romance de Guimarães Rosa.

Pensando o “rompimento” de limites como chave para uma leitura poética, é válido mencionar que uma ideia de instabilidade passa também no campo da poesia da modernidade e da contemporaneidade. Celia Pedrosa considera-a

como crise, associada “às contradições, aporias, lacunas – diferentes modos de um estado produtivo de inacabamento” (PEDROSA, 2013, p. 1). Siscar, por sua vez, também observa que essa crise perpassa a visão da experiência moderna e o discurso poético “não apenas deixa ler em seu corpo as marcas da violência característica da época, mas que, a partir dessas marcas, nomeia a crise — a indica, a dramatiza como sentido do contemporâneo” (SISCAR, 2010, p. 10).

É necessário perceber que a crise foi pensada sob um duplo sentido: uma ideia negativa vinculada à modernidade, ligada à decadência, e, por outro lado, a uma abordagem mais otimista, relacionada à renovação. Isso se dá pelos acontecimentos sociais que ditaram o século XX, já que ideologias difundidas e defendidas se alinharam às práticas questionáveis e aos trágicos cenários políticos, o que desestabilizou crenças e concepções. Nessa concepção, a crise pode ser menos entendida como “colapso” do que como um modo de reflexão sobre o lugar em que se está socialmente.

Essa ideia conduz para uma ideia fragmentada de cena poética quando se pensa na heterogeneidade e multiplicidade de discursos. Essa abordagem é proveitosa aqui, pois compreende esse processo de crise que acompanha a modernidade e a contemporaneidade, não como uma perda, mas como uma ressignificação em um momento histórico que já não lida mais com utopias.

O que se percebe na análise dos poemas em questão é que o verso em sua força potencial adquire e vai tomando outras formas, um “verso-criatura” que se metamorfoseia alcançando o campo do rio. A desestabilização é recorrente nas linhas ao ponto de montar, contraditoriamente, um padrão de movimento. Trata-se de um abalo nas relações de sentido para expandi-las. A interrupção e o deslocamento dos itens semânticos em sua continuidade operam um tipo de “quebra produtiva”, o que possibilita quase um transbordamento de sentidos nas palavras do poema, de modo que eles abarcam, invadem e associam-se uns aos outros.

Reconhece-se a ideia de revolta como uma potência que, como citado por Flores ao trazer a conceituação de Furio Jesi, destrói, não pela retirada de relações de sentido, mas pela evocação do futuro ou possibilidade (FLORES,

2019, p. 5). O que torna a revolta presente como uma espécie de quadro comum aos poemas em questão, ultrapassa o campo dos versos.

A intenção é evitar uma correlação gratuita entre referenciais como vida dos poetas e contexto histórico para delinear o que é observado. Apesar disso, a revolta, um elemento que não cabe em uma temporalidade, segundo Furio Jesi — quando aponta que “o futuro da revolução é o ‘amanhã’, o da revolta é o ‘depois de amanhã’. Portanto, é harmônico dizer que a revolução é atual e a revolta é inatual” (JESI, 2018, p. 206) — dialoga com uma retórica modernista inicial. Essa que, pelo “abandono consciente de princípios e de técnicas, foi uma revolta contra a inteligência nacional” como apontado por Mário de Andrade (1974, p. 2) n’ “O Movimento Modernista”. A questão de uma temporalidade não situada também pode aparecer relacionada ao momento de produção poética contemporânea do início dos anos 2000, com um conflito de continuidade ou desvinculação de tendências poéticas anteriores. É o que Siscar (2005) nos leva a pensar quando indica que

os discursos sobre o estado atual da poesia no Brasil frequentemente se dividem quanto ao julgamento sobre o valor daquilo que acontece: ora como liberação da tradição modernista, ora como decadência dos valores conquistados por essa tradição. De todo modo, é possível constatar uma concordância quanto ao fato da ausência interna de perspectiva organizada dos fenômenos poéticos, como se a dificuldade de pensar seus traços particulares se tornasse ela mesma estrutura de compreensão (SISCAR, 2005, p. 44)

Assim, a herança poética da qual também faz parte a literatura do início do século XX está presente, mesmo que por uma tentativa de abandono do conjunto de ideais dela. A revisita de imagens, como a de um rio de movimentação inesperada, assim como o retorno a uma herança modernista, por influência ou por tentativa de rompimento dela, configuram a evocação de símbolos de ruptura e tensão que são eventualmente retomados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. A Meditação sobre o Tietê. In: ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas: Volume I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. P. 311 - 317.

_____. O Movimento Modernista. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

ANTELO, Raul. Quantas margens tem uma margem?. *Margens / Márgenes: Revista de Cultura (2002-2007)*, n. 01, p. 76-85, julho de 2002.

COSTA, Ângela Maria Gonçalves da. Noturno Marioandradiano: uma leitura do poema Meditação sobre o Tietê. *Moara: Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA, Belém*, n. 14, p. 47 - 68, jul. - dez. 2000.

FLORES, Guilherme G. A revolta do poema. Chão da Feira. Belo Horizonte. *Caderno de Leituras* n. 90, p. 2 - 19. julho de 2019.

JESI, Furio. Inatualidade da Revolta. *Spartakus: Simbologia da Revolta*. São Paulo: N-1 edições, p. 175 - 206, 2018.

NODARI, Alexandre. Alterocupar-se: obliquação e transicionalidade na experiência literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 57, p. 1-17, maio/agosto de 2019.

PEDROSA, Celia. A resistência, o irresistível e a poesia em crise de Marcos Siscar. *Signótica*, v. 25, n. 1, p. 1-19, 2013.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. A cisma da poesia brasileira. *Sibila: revista de poesia e cultura*. Ano 5, n. 8 - 9. Ateliê Editorial, 2005.

_____. Rio Verdadeiro. In: SISCAR, Marcos. *Metade da Arte*. 159 - 170. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.